

“PIXO PARA ME SENTIR VIVO”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE RISCO NA PIXAÇÃO.¹

Daniela Sales de Souza Leão - UFPE²

Resumo: Através de experiências de campo, pretende-se discutir sobre como a pixação proporciona reflexões acerca das concepções de risco, e como esta passa a ser valorizada como experiência nos espaços de sociabilidade frequentado por grupos de pixadores na cidade de Recife/Pernambuco. Nas rodas de conversa, formadas nesses espaços, frequentemente ouve-se sobre histórias de pixadores que viveram ou morreram após tentativas arriscadas, e que posteriormente passaram a adquirir prestígio e reconhecimento entre seus pares. Demonstrando como ao se arriscarem se sentem vivos e acionam dispositivos de registro, memória e reconhecimento, possibilitaram a relação destes ao modo como experimentam e percebem o risco, pois, como enfatizou um pixador ao descrever uma de suas experiências que quase lhe custou a vida, “pixo para me sentir vivo” (Diário de Campo, 10 de dezembro de 2015).

Palavras-chave: Pixação; Risco; Reconhecimento

“Quem não é visto, não é lembrado” (PEREIRA,2012) é uma expressão frequentemente dita entre os pixadores para se referir a uma lógica seguida pela maioria deles se referindo a uma busca por ser reconhecido e lembrado, principalmente entre seus pares, através de suas ações mais arriscadas - para isso os pixadores procuram lugares de difícil acesso colocando em risco a sua própria vida. Ou seja, aquele que consegue gravar seu nome no maior número de lugares, e de maior destaque, alcança prestígio, memória e reconhecimento. O que nos faz refletir sobre como o risco passa a ser valorizado quando se coloca como critério a experiência do pixador e sua prática, considerando também que são aqueles que se arriscam nas escaladas, pixam órgãos jurídicos e ousam em lugares de difícil acesso, que adquirem prestígio. Ou seja, passam a ter respeito e reconhecimento por outros pixadores a partir da concepção de “disposição” que utilizam para avaliar até que ponto pode-se ter respeito mediante uma ação realizada.

Desta forma, há um modo próprio de se pensar e experimentar o risco. Tentarei

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Contatos: daniisales@gmail.com

trazer, a partir de experiências e relatos compartilhados nas rodas de conversa que participei em festas e “picos”³ de pixação, como os pixadores da cidade do Recife/Pernambuco utilizam-se das concepções de risco e o modo que experimentam através das noções de adrenalina e perigo para atribuir reconhecimento entre seus pares. Buscando compreender a partir das próprias relações que estabelecem com espaço público e como utilizam da paisagem urbana como suporte, caracterizando suas ações e as formas que utilizam a cidade, bem como compreender as possíveis relações existentes entre memória e risco, utilizando notas etnógrafas para descrever as formas pelas quais são atribuídos os significados propostos. Portanto, pretende-se trazer o modo como experimentam e dão sentido ao risco a partir de suas próprias falas. Mary Douglas (2012) nos mostra que inicialmente a ideia de risco se referia a algo neutro, que poderia tanto apontar uma perda ou um ganho. Então, por que não poderíamos pensar sobre o risco a partir da ótica dos prazeres e ganhos? Os pixadores nos convidam a refletir sobre.

A princípio, destaco que minha pesquisa de campo com os pixadores vem sendo realizada desde de 2015, após meu ingresso no mestrado neste mesmo ano. Contudo, as redes de relações com os meus interlocutores acontecem desde 2005, quando era integrante de torcida organizada. Logo nos meus primeiros contatos para a realização da pesquisa, a imagem que tinham de mim como uma ex-integrante de torcida organizada, viabilizou meu acesso ao campo, bem como o estabelecimento de vínculos e estreitamento das relações. Karina Biondi (2010) traz a reflexão sobre “dispositivo metodológico”, o “ser mulher de preso” em sua pesquisa, para viabilizar o seu acesso ao campo. Nesta perspectiva, a associação que os pixadores fazem à minha imagem para com minhas práticas passadas - de ter sido integrante de uma torcida organizada – se tornou meu dispositivo metodológico. Essa minha condição me auxiliou no acesso aos grupos, que por mim eram desconhecidos, na minha presença nos espaços e em festas de pixação.

Organizado em três tópicos, este artigo está dividido da seguinte forma: no primeiro, a partir de notas etnográficas, irei trazer um breve retrato de como funciona a

³ “Pico” refere-se à um espaço fixo de lazer, onde pixadores de diferentes localidades se encontram. Pereira (2012) trabalha com a categoria de *point*, para se referir a estes espaços que possuem dia e horário fixo. Contudo, considerando que a expressão dita pela maioria dos meus interlocutores utilizava “pico” nos diálogos travados ao marcar encontros nestes espaços, me fizeram privilegiar a utilização desta terminologia. Entretanto, vale salientar que a caracterização do local tal como coloca Pereira (*ibidem*), também é utilizada, mesmo que seja por uma minoria.

dinâmica da pixação no Recife; no segundo momento, irei abordar as noções de registro e memória, como dispositivos importantes nas redes de relações que os pixadores estabelecem com seus pares; e por fim, a concepção de risco na pixação. É importante ressaltar que a proposta de trazer a noção de risco para a pixação e suas implicações nos dispositivos de memória, registro e prestígio, não pretende reduzir os sentidos que são dados ao conceito de risco à essas abordagens. Entretanto, trazê-las como possibilidades de análise demonstra o quanto que essas questões são importantes para se compreender a articulação que os pixadores fazem com a cidade e com seus pares.

A pixação em Recife

Primeiramente, é preciso relatar que a pixação⁴ em Recife é caracterizada por uma maioria jovem, de gênero masculino e oriundos de periferia. O que não significa dizer que seja uma manifestação praticada por apenas homens. A participação de mulheres nesses circuitos ainda é considerada como uma minoria. No que pude perceber, no período que realizei a pesquisa de 2015 à 2016, é que as mulheres tendem a se afastar da pixação quando iniciam suas carreiras profissionais, têm filhos e assumem obrigações domésticas e trabalhistas. Enquanto os homens, continuam frequentando esses espaços nestes períodos – faculdade, trabalho, filhos, etc. Também há pixadores que se encontram acima da classe média, entretanto se constituem nestes espaços como uma minoria.

Recife e suas ruas, contemplam um grande espetáculo tipográfico a céu aberto, com os mais variados tipos de letras de sujeitos que parecem disputar espaços entre si. Para cada autor que o faz, existe um aglomerado de abreviações denominados por eles como *siglas*, utilizadas para mostrar o lugar que o sujeito pertence. Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, servem para demonstrar a localização geográfica que o pixador reside. PDC (Pixadores do Curado) e JB (João de Barros), por exemplo, são as *siglas* que servem como mecanismos para apontar o bairro e, conseqüentemente, o grupo que pertence. Em sua grande maioria, as *siglas* levam em sua nomenclatura o nome dos bairros, como uma espécie de mapeamento territorial que aponta o local que o indivíduo reside. Os usos dessas abreviações norteiam a forma como os próprios autores percebem a cidade.

⁴ A utilização da palavra com “x” busca uma aproximação com as formas tipográficas e os sentidos que lhe são atribuídos, para referir-se aos sujeitos que utilizam dos espaços públicos para grafar seus nomes (LASSALA, 2010; PEREIRA, 2012).

Desta forma, uma das características da pixação em Recife são as demarcações territoriais e sua divisão de grupos por bairros e zona – zona sul, leste, oeste, norte, etc. Logo em minhas primeiras idas a campo observei o quanto era importante a identificação do pixador por seu bairro, ou seja, importância de dizer em qual *ré*⁵ reside. Este tipo de identificação direcionava o pixador a quem ele estabeleceria aliança e, também, poderia vir a ter possíveis desafetos. Implicando nos espaços no qual ele poderia circular, que deveria evitar e aqueles que precisaria ter mais cuidado. Representar uma *ré*, iria lhe trazer inúmeros mecanismos de sociabilidade e mobilidade em meio ao cenário urbano.

A importância desses grupos formados de acordo com seus respectivos bairros e regiões residentes, fazem com que os pixadores, em sua maioria, se dividiam de acordo com suas respectivas “galeras”⁶ que estão relacionadas ao local em que moram, ou moravam, contribuindo para um modo próprio de ver a cidade ao se referir aos bairros e regiões por suas respectivas *siglas*. “Tu mora na caxangá né, maga? Vou colocar PCP então!”, logo sou direcionada a *sigla* que pertence ao bairro que resido.

Contudo, em um novo contexto emergente, a formação de novos grupos de acordo com interesses em comuns, fizeram surgir a RDP (Relíquias da Pixação), VG (Velha Guarda) e RL (Residência dos Loucos), por exemplo. Esse novo contexto refere-se a uma “nova fase” que a pixação estaria vivendo, como os que compõe estes grupos afirmam. Preocupados com as consequências nos quais os grupos de “galeras” e *siglas* repercutiam na pixação, estes novos grupos, sem bairro fixo, estariam propondo o fim das brigas entre bairros e “galeras” com a proposta de “unir as *siglas*”. O que desencadeou o início de uma “Pelada dos Pixadores”⁷ que acontece na Avenida Agamenon Magalhães todas as quintas-feiras à noite, nas mediações do bairro da João de Barros, onde jovens de diferentes localidades usufruem de uma praça pública para jogar bola, trocar experiências, contarem histórias e se divertirem.

⁵ Referência ao bairro, região e localidade que pertence ou reside

⁶ O termo “galera” refere-se a grupos que se formam a partir de laços de vizinhança e de alianças entre bairros que não precisam estar próximos geograficamente. “Rivalidade e uso da violência física incorporam-se às práticas e representações das galeras, explicitando uma oposição entre nós (os amigos) e eles (os inimigos, os alemães)” (SOUTO, 2003, p.89).

⁷ Reconhecido como o único “pico” de pixação que se estabeleceu na cidade, a “Pelada dos Pixadores” é organizada pela RDP, surgindo em meados de 2014 com a proposta de ser um espaço de lazer sem briga de bairros e “galeras”. As dificuldades de outros espaços de sociabilidade e lazer, advém de problemas territoriais que interferiam direta, ou indiretamente, na dinâmica dos pixadores – como as questões de conflitos existentes entre grupos de bairros e suas respectivas *siglas*.

Entretanto, a localização e identificação pela *ré* no qual pertence, ainda se configura como uma característica relevante na dinâmica que os pixadores estabelecem entre si. “De qual *ré* você pertence?”, é uma das perguntas recorrentes para se começar uma “troca de ideia” com alguém que ainda não se conhece. O pertencimento a uma *ré*, é um fator importante na construção do pixador, no qual irá interferir nos seus processos de sociabilidade e mobilidade pela cidade. Tais implicações acontecem pelo fato de existir fronteiras territoriais onde bairros se confrontam e, também, estabelecem alianças entre si. No entanto, percebi que diferentemente do contexto do bairro, onde as relações eram estabelecidas por meio dos laços de vizinhança, parentesco e coleguismo, o pertencimento a um *pedaço*⁸ no centro da cidade significava ser reconhecido como membro de uma teia de relações mais vasta caracterizadas por meio desta exibição de símbolos compartilhados (MAGNANI, 2012, p. 249).



Pixo acompanhado de diversas *siglas*, demonstrando as possíveis alianças que o pixador estabelece, em 2016.

Por isso, escolher um “pico” na região central da cidade, possibilita que esses pixadores consigam se encontrar, sem que para isso existam atritos. O centro é considerado um lugar neutro e de passagem comum para aqueles que moram em bairros mais distantes. Claro, que isso não impede que algumas vezes aconteçam desentendimentos entre pixadores que pertençam a grupos rivais, mas a tentativa é sempre de tornar aquele lugar como um ponto neutro onde todos possam ir. Quando alguma

⁸ A categoria de *pedaço* (MAGNANI, 2012), articulado a categoria de *ré* aqui descrito, passa, também, a ser compreendida a partir do estabelecimento de alianças e desafetos entre os bairros.

discussão surge, logo há interferência. Nem todos que estão ali se falam, ou possuem alguma amizade, alguns possuem *rixas*⁹ antigas de bairros, mas há um consenso que aquele lugar não é um espaço para se resolver problemas antigos ou *tretas*¹⁰ pessoais. A proposta do espaço seria a “união das siglas”, como afirma os organizadores da pelada.

Além da forma como implica nas relações e percepção da cidade, as *siglas* também são consideradas importantes para diferenciar nomes iguais que podem surgir. Apesar de ser algo que ocasione momentos de tensões quando se descobre alguém que utiliza o mesmo nome que o seu, os pixadores consideram que não irá existir dois indivíduos com nomes iguais em uma mesma “galera”. Por isso, “botar sua *sigla*” serve para te diferencia dos demais. Por exemplo, recentemente ocorreu um embate por ter surgido uma outra pessoa colocando o nome China nas ruas, logo, aquele que se considerava “original”, relatou: “Pode colocar vários China por aí, mas todo mundo já sabe que China só tem um e é o China OPI.”

Portanto, para entender as questões caracterizadas neste tópico sobre a dinâmica da pixação no Recife, é preciso entender o que são essas *siglas* e quais suas implicações na pixação. As *siglas* são as abreviações que, geralmente, estão localizadas próximas ao nome do pixador. Após colocar sua marca – ou seja, o seu nome – é colocado sua *sigla*. Ou seja, o grupo que pertence. A importância da *sigla* para o pixador e, conseqüentemente, para os pixação, repercute de tal modo que “as siglas são repassadas de geração em geração, existe um passado por trás dela. Ela é importante por sua representatividade na rua, por identificar de onde aquele pixador vêm. Se ele é da zona sul, da zona norte, de qual bairro ele é. Mas claro, que não é ela que vai fazer a fama do pixador. A fama ele conquista com disposição.” (Diário de Campo, 14 de Janeiro de 2016)

Nesta dinâmica de circulação que envolve as *siglas*, os pixadores acionam diferentes dispositivos de interação e circulação. Quem é adepto a disputa de “galeras”, por exemplo, sabe que haverá restrições em sua circulação pela cidade. Por exemplo, ele dificilmente se arriscará a ir uma área que pertence a uma “galera” rival sem que haja o motivo de pixar e “invadir” o espaço alheio. O surgimento desta categoria de “galera” nos faz perceber como “algumas das múltiplas associações locais, tem contribuído para a

⁹ *Rixas* são desavenças grupais, geralmente referente as questões de territórios que permeiam as brigas de *siglas* e “galeras”.

¹⁰ Diferente de *rixas*, percebi nos diálogos que quando usam o termo *treta* estão referindo-se a questões individuais. Ou seja, aos desentendimentos que uma determinada pessoa possui. Enquanto *rixas* refere-se aos grupos e, conseqüentemente, todos os seus componentes.

consolidação desta imagem de uma cidade polarizada em torno de pequenos núcleos vivenciais, olhados habitualmente como microcosmos residuais de vida comunitária” (VELHO, 1999, p. 58).



Estética da pixação em Recife, 2016.

Memória

Nas dinâmicas relacionais com a cidade, os pixadores estabelecem um importante dispositivo de interação, circulação e memória (PEREIRA, 2012, p. 60) em seus múltiplos circuitos (MAGNANI, 2012) de sociabilidade e lazer que são estabelecidos pela cidade, tendo como localidade principal a região do centro, como foi pontuado no tópico anterior. Todos os dias, ao saírem pelas ruas da cidade percorrendo seus trajetos (*ibidem*), eles organizam lugares e os selecionam com um olhar atento ao espaço urbano que serve como suporte na construção de suas narrativas. Narrando com um conjunto de frases e relatos de itinerários, criam seus trajetos e selecionam seus percursos a partir das relações que estabelecem. Próximo com o que Michel de Certeau (2008) chama de “táticas cotidianas”, eles criam e recriam os espaços a partir das relações que são estabelecidas com um olhar diferenciado sobre a paisagem, buscando, ao mesmo tempo, quem são os novos pixadores, quem está em “destaque” e quais os espaços vazios que ainda existem para inserir sua marca, estabelecendo uma relação de registro e memória com o espaço público (PEREIRA, 2012).

Deixar seu nome no maior número de lugares possíveis, preferencialmente nos locais com maior fluxo, proporciona conseguir visibilidade e “ter nome” entre seus pares.

A busca por locais com maior visibilidade, direcionam a preferência pelo centro da cidade, por ser “um local que todo mundo passa, seja qual for a localidade que more”. “Ter nome” significa dizer que o pixador possui prestígio e reconhecimento entre seus pares, compreendendo que sua imagem e, conseqüentemente, seu nome, será mencionado como forma de respeito. Como colocado no início deste artigo, “Quem não é visto, não é lembrado” (PEREIRA, 2012) é uma expressão frequentemente dita entre os próprios pixadores para se referir à uma lógica seguida pela maioria na busca de ser visto e lembrado por outros pixadores. Na tentativa de obter prestígio e reconhecimento, acionam dispositivos de registro e memória nas suas articulações com os espaços públicos.

A pixação tem uma coisa muito massa, que é você poder ver o nome de alguém que já morreu nos muros. Você sempre vai ser lembrado de alguma forma. Você ver uma pixação dos anos 90 em algum muro, dá aquela sensação que seu nome vai ficar ali gravado na memória também. Claro que não é fácil achar nomes antigos, porque o nome que você coloca hoje em uma tela¹¹, pode já não está mais lá amanhã. (Diário de campo, 18 de janeiro de 2016)

Na busca pela permanência de suas marcas na paisagem urbana, preocupados em “eternizar seu nome”, fazem com que busquem locais de difícil acesso. As “escaladas”, além de proporcionar “destaque” e prestígio, contribuem para a consolidação de seus registros de forma duradoura. Pois, essas que são deixadas nos topos dos prédios, em lugares mais altos com difícil acesso, possuem uma possibilidade remota de serem apagadas no dia seguinte. Topos de prédios e muros de pedras, por exemplo, servem como suporte na busca por registro e memória nos embates com a cidade.

Dessa forma, a pixação recria o urbano construindo novas referências. A transformação destes espaços, como um dispositivo de registro e memória para os que participavam destes circuitos, possibilita “organizar o espaço materialmente ou a transformá-lo à sua imagem, era a transmissão de certa memória coletiva o que se tentava garantir” (PEREIRA, 2013, p. 89). A preocupação de se manter uma memória coletiva, é demonstrado na disponibilidade que os próprios pixadores exacerbam ao saber que existe um interesse em realizar uma pesquisa, reportagem ou documentário sobre eles. “É importante para todo o movimento, porque fica lá registro para todo mundo ver”, afirmavam ao terem conhecimento sobre o que eu estava realizando.

¹¹ Os pixadores referem a cidade constantemente como uma “tela” a céu aberto. É comum ouvir nos diálogos a utilização do termo quando estão escolhendo um local para gravar seus nomes – “ali vai dá uma tela massa”, por exemplo – ou quando estão comentando sobre uma parede totalmente pixada.

Considerando que a principal característica da pixação é a sua efemeridade (*ibidem*), torna-se este o maior obstáculo que os pixadores afirmam tentar a todo tempo superá-la, a importância do registro entra como tentativa de superar aquilo que é fugidio. Pois uma pixação realizada hoje, poderá ser apagada no dia seguinte. Por isso, a prática de colecionar nomes em folhinhas e caderninhos, aparece “como uma forma de fazer com que os seus pixos permaneçam e não sejam apagados da memória” (PEREIRA, 2013, p. 155). As coleções que possuem nomes de pixadores mais antigos e mais famosos são as mais valorizadas.

Os caderninhos e folhinhas de pixação são elementos que circulam a todo momento nos *picos* e festas que estejam presentes uma quantidade significativa de pixador¹². Utilizados como elementos de registros, memória e de socialização, pixadores passam de mãos em mãos contando histórias e trocando experiências. “E aí, vai? ”, muitas vezes também era convidada para “deixar minha marca”, como dizem. A convite, deixo minha marca e passo o caderninho, colocando muitas vezes o meu próprio caderno de campo “na roda”. Colocar meu nome em um caderninho ou folhinha, começando também o meu próprio registro, é uma excelente oportunidade para se iniciar uma conversa com aqueles que ainda não conhecia.

Além destes meios de registro, reportagens também servem como arquivo. Não se troca as reportagens, mas se expõe para os demais, e são elementos importantes na construção de seu próprio acervo, sendo motivo de orgulho e reconhecimento por outros pixadores conseguir alguma matéria antiga. Ter um bom arquivo com reportagens, folhinhas, caderninhos e fotos, também é sinônimo de prestígio. Todo pixador tem seu próprio acervo de pixação e gosta de exibi-lo. Aqueles que ainda não tem, logo começam a guardar aquilo que conseguem para iniciar sua própria biblioteca particular. “Guarda essa folhinha aí, todo encontro tu começa a criar a tua ”, sendo incentivo para criar meu próprio acervo, os pixadores consideram como uma prática importante, tanto para quem se interessa pelas coleções quanto para o própria memória coletiva do movimento “porque fica registrado na memória e como prova”. Ter seu registro serve como prova, tanto para dizer que você esteve lá, quanto para validar sua fala relatando algum ocorrido sobre uma determinada época e situação.

¹² Percebi que as folhinhas e caderninhos eram passadas quando um número superior a dez pixadores estavam presentes. Sobretudo, quando naquele momento se encontravam pixadores mais antigos, ou aqueles que adquiriram *status* e prestígios por outros pixadores.

A importância da preservação de registros antigos é percebida nos espaços de sociabilidade quando frequentemente ouve-se histórias sobre pixadores que já faleceram, destacando a importância do respeito e reconhecimento em memória dos mortos. O respeito e o reconhecimento à memória dos mortos aparecem nas produções de camisetas, letras de músicas, faixas e eventos com seus nomes. Recentemente, os pixadores que organizavam a “Pelada dos Pixadores”, realizaram um campeonato de futebol com o nome “Capa RDP Champions League 2016”, em homenagem a um pixador falecido recentemente. No meio da quadra estava fixada a faixa com o nome do campeonato, demonstrando respeito e reconhecimento à Capa.

Desta forma, é na preocupação com a memória individual – buscando prestígio e reconhecimento – e na história coletiva da pixação, que incentiva com que muitos deles procurem as escaladas para conseguir “destaque” e construam “um nome” para seu legado, pois “um pixador que morre não é esquecido” (Diário de campo, 18 de janeiro de 2016), assim como também contribui para construção das narrativas coletivas. A busca pela visibilidade contribui para que esses jovens se aventurem na metrópole, desafiando alturas e, até mesmo, gravidade. “Se sentindo vivo, de alguma forma” (Diário de campo, 18 de janeiro de 2016) a pixação traz a sua própria noção de risco.

Risco

A noção de risco é bastante abrangente e possui significados distintos, com sentidos que podem ser vistos como positivos ou negativos, avaliados de acordo com as experiências vividas. Tais possibilidades de análise fizeram com que Mary Douglas (1991; 2012) enfatizasse os aspectos culturais e os sentidos que são atribuídos às noções de risco. A possibilidade de se compreender através da concepção de risco-aventura – considerando adrenalina, desafio, coragem, extremo e emoção – aparecem em estudos como o de Jeolás e Santos (2015) ao analisarem jovens em corridas de “rachas” com carros e motos, utilizando o risco como componente identitário.

Em minhas idas a campo, “trocando uma ideia” com meus interlocutores, fizeram-me perceber a pixação “como uma forma de estabelecimento de uma rede social sustentada no ato de aventurar-se pela metrópole” (PEREIRA, 2013, p. 93). Nas inúmeras vezes em que me eram relatadas situações de perigo, no qual, por muitas vezes, suas vidas estiveram em jogo – seja por uma queda em uma “escalada”, por tensões com policiais

ou moradores indignados – as risadas após os relatos vinham acompanhados com a seguinte afirmativa: “Tem gente que usa droga, outros pulam de paraquedas. Cada um tem sua loucura, e a gente pixa. Entendeu? No fim, tá tudo no mesmo. É a adrenalina, aquela sensação de estar vivo. Não tem justificativa!” (Diário de Campo, 18 de fevereiro de 2016).

Estabelecendo maneiras próprias de vivenciar o risco, transformando-o como modo de relação, considero a opção de se pensar a partir da concepção de risco-aventura trazida por Spink (2001) a possibilidade de se compreender as dinâmicas das relações que estão estabelecidas no intenso diálogo que a pixação faz com o risco. Ressaltando a importância de se enfatizar os sentidos dados ao risco que recuperam a aventura como uma forma de dimensão positiva na linguagem perspectiva da dinâmica do uso no seu contexto como prática discursiva. Os sentidos aqui colocados consideraram os termos e conceitos, ou seja, as próprias categorias trazidas pelos atores em questão. Nas questões trazidas neste tópico, podemos perceber três dimensões sobre a perspectiva do risco na pixação: a forma de se relacionar com o futuro, a conceituação do risco e a forma de gerir-lo (*ibidem*).

No tópico anterior, finalizamos com a frase de um pixador que relaciona a pixação à ideia de morte. Ao afirmar que “o pixador que morre não é esquecido”, demonstra a relação que estabelecem com o futuro. Preocupados em construir “um legado”, “ter um nome” e ganhar prestígio, buscam as escaladas nos topos dos prédios acionando os dispositivos de registro e memória citados anteriormente. Desta forma, nas relações que os pixadores estabelecem entre si, o risco tornar-se um elemento importante na construção de identidade e reconhecimento, além de ser uma forma para se ganhar prestígio e consolidar a “eternização de seu nome” nas rodas de conversa dos circuitos de pixação.

A gente se sente vivo quando escala os prédios, faz uma parada muito louca que tinha tudo para dar errado, mas deu certo. Depois que faz fica pensando em como que conseguiu desenrolar aquilo. Quando a gente vai fazer um escalada também, a gente fica analisando um bom tempo o local antes. Mas nada garante que vai dar certo, né? Teve muita gente que já se deu mal, caiu e morreu ou se machucou muito. Tem que ter muita disposição e ficar esperto. (Diário de Campo, 22 de março de 2016)

Para entender a forma como conceituam o risco, faz-se necessário considerar que se trata de uma prática juvenil, em sua maioria de sexo masculino oriundos de periferias,

mas que tem se expandido de modo que é praticada, atualmente, por diferentes classes. No caso dos interlocutores desta pesquisa, eles oscilam em uma faixa etária que vai dos 18 aos 30 anos de idade, apesar de relatarem que iniciaram sua inserção nesse universo da pixação desde os 14 anos. Todos de sexo masculino, começaram a iniciar tal prática observando amigos, primos, irmãos e vizinhos. Com o tempo, “passaram a entender o que era a pixação”¹³, como afirmam, escolhendo-a como forma de lazer. No universo da pixação, prevalecem os jovens de classes abaixo da média, que saem dos seus trabalhos para pixar, “desopilar um pouco”, “rever seus amigos”, “ter aquele gostinho de adrenalina” e “sentir o coração bater mais forte”.

Tem uns que riscam por um motivo de revolta ou protesto, mas a maioria que conheço não tem muito essa intenção em relação a isso. A pixação pra mim, é aventura mesmo. Safadeza, lazer, sei lá. A gente gosta de uma adrenalina. Quem não gosta? (Diário de Campo, 18 de janeiro de 2016)

Nesse aspecto, os significados atribuídos aos pixadores à sua prática, podem ser resumidas da seguinte forma: experimentar a pixação como lazer, testando suas habilidades pessoais e experimentando a adrenalina; as vivências de perigo através das noções de prestígio, quando colocada como mérito a “disposição”; e com a função de “se sentir vivo”, testando seus limites e habilidades. Sobretudo, entre os pixadores o sentido do risco adota uma concepção de aventura estimulados pelas noções de adrenalina e perigo vivenciados em suas experiências. Eles vivem o risco como um componente diferencial em suas vidas. Adrenalina, perigo e “disposição”, acabam dando sentido tanto para as suas vidas como para o modo que significam o risco.

Um pixador que tem disposição, é respeitado. Tem gente que tem muito nome, mas não é disposto. Ter muito nome, não é significado de disposição. Por exemplo: alguém que sai para pixar de carro não passa pelas mesmas situações que alguém que vai de “busão” andando pela rua nas madrugadas sujeito a tudo. (Diário de campo, 22 de março de 2016)

Com a retaliação policial, as tensões existem constantemente. A sensação de risco e perigo potencializa a adrenalina, enfatizando o sentido de “ter disposição”. Ser reconhecido como “disposto” aos olhos de seus pares, exige que provem e se testem, para

¹³ Os sentidos que são dados a este tipo de narrativa permeiam o campo do lazer, de entender a pixação como uma possibilidade de diversão, e das questões territoriais problematizadas no primeiro tópico sobre a dinâmica da pixação em Recife.

que consigam reconhecimento e prestígio nos circuitos de pixação pela cidade, proporcionando sensações como a de pertencimento e visibilidade.

Desta forma, o que une os diversos grupos de pixação, é a busca pelo reconhecimento e prestígio, através de atos risco e “disposição”. Formando grupos e redes de relações, reforçam laços identitários e histórias de prestígio e reconhecimento. Porque, “por mais que não goste de um pixador, tenha suas *tretas* com ele, o respeito existe em reconhecimento à sua disposição”. Considerando as noções de identidade através dos tipos de sociabilidade que essas sensações acionam. Nessa perspectiva as sociabilidades e subjetividades se constituem em um contexto de prática de risco, como também nas situações de atritos vividas no espaço público (JEOLÁS; SANTOS, 2015).

Considerações Finais

Nos diálogos com os pixadores, percebo que a definição de risco está para além dos pressupostos sobre perigo que são estabelecidos hegemonicamente. Nas suas falas, visões de mundo, a partir de suas próprias percepções com o espaço público, motivos individuais e aspectos coletivos, impulsionam suas negociações cotidianas que criam e recriam esses espaços. Por isso, quando considerei a divisão dos tópicos, ressaltai a próprias concepções que eram refletidas em campo, e que se comunicavam entre si – memória e risco. Demonstrando como os dispositivos de registro e memória, se articulam à dimensão de risco e toda a sua discussão sobre “disposição”, prestígio e reconhecimento.

Os pixadores que são lembrados por sua “disposição”, gostam de pixar em topos de prédios e em lugares de difícil acesso no maior número de lugares possíveis, além de se arriscarem pelas madrugadas nas suas saídas para “botar nome” de “busão” ou andando. A escolha por lugares de “destaque”, característica de quem prefere a prática das escaladas, impulsiona a escolha por lugares de grande risco. Pensando nessa busca pela eternização de sua imagem e, conseqüentemente, de seu nome, destaco a forma com que se relacionam com o futuro, conceituam e vivem o risco. A morte de um pixador nas realizações destas ações, representam, de certa forma, as conseqüências destas vivências nas relações com o risco. Histórias de pixadores lembrados e respeitados, se caracterizam por uma atuação assídua com relatos de ações arriscadas.

Entretanto, é importante considerar que nem todos os pixadores, apesar de serem mencionados pelas ações arriscadas, morrem em consequência da prática em si. A grande maioria cai e sofre lesões, mas não morre em decorrência das escaladas, por exemplo. Apesar de relatarmos alguns casos de pixadores que morreram ao cair de prédio, em confrontos com seguranças particulares ou moradores armados, foram poucas as histórias que ouvi com essas motivações. Na maioria dos casos, os contextos das mortes não tinham relação com a pixação.

Referências

- BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.
- CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2012. 2 ed.
- DOUGLAS, Mary. *Risk and Blame. Essays in Cultural Theory*. London: New York, Routledge, 1992.
- JEOLÁS, Leila; SANTOS, Luiz Antônio de Castro. “Jovens, percursos e atividades arriscadas nas corridas ilegais de carros: o risco como componente identitário” In *Mediações*, Londrina, v 20, n 2 , p. 262 – 283, Jul/Dez 2015.
- LASSALA, Gustavo. *Pixação não é Pixação*. São Paulo: Altamira, 2010.
- MAGNANI, José Guilherme. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo” In *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2013, Vol.56, nº 1, pp 82 – 110.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação” In *Cadernos de Arte e Antropologia*, n 2, 2012, p. 55-69.
- SPINK, Mary Jane. “Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia” In *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 6, pp. 1277-1311, 2001.
- VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999